

esta apregoada individualidade do theatro parisiense que tantos milhões tem feito rolar pelas gavetas dos camaroteiros europeus, esta actriz por quem Londres e São Petersburgo suspiram todos os annos, que tem visto principes respeitadamente inclinados diante d'ella, proferindo todas as banalidades da admiração e da galanteria — começou a sua carreira sendo, como milhares d'outras que todas as noutes cruzam os boulevards, uma simples actrizita de café concerto.

Conhecem o genero?...

Louritas e franzinhas. Grandes olhos inteligentes, atrevidos e febris. Beiços côr de sangue recortados a vermelho de camarim, para fazerem sobresahir — quando se entreabrem — duas filas de dentinhos cerrados, miudos, brancos, um quasi nada famintos de ceias em gabinete particular. Um seio tratado a capricho. Um decote preparado para provocar binoculos. Uma saia de setim, zangada por ter descido um centimetro abaixo do joelho. Pernas finas. Meias de côres vivas; primeiro d'algodão, depois de fio d'Escossia, depois de sêda — conforme o numero d'apaixonados! Uma voz educada, preparada, forçada a dar todas as notas do grotesco, do equivoco e do petulante. Vinte carêtas diferentes por minuto. Gestos desmanchados de *fantoche*... E trez francos por noute para viver!

~~~~~ A isto só resistem as que têm verdadeiramente talento — as que deixam escapar por entre aquelle inferno de disparates uma nota de cantora e um gesto d'actriz. E muito poucas teem sido as que se teem revelado verdadeiramente cantoras e verdadeiramente actrizes, como aquella de quem a *Illustração* dá hoje o retrato.

~~~~~ Na interpretação do *vaudeville* é ainda Judic quem possui todo o segredo — o segredo de bem representar estas peças que o sr. Epiphany (um grammatico austero) vae agora classificar de peças *epicenas*, attendendo a que tanto pertencem ao genero opereta como ao genero comedia...

E no *vaudeville* Judic é verdadeiramente eminente. Cantora — sabe *dizer* como nenhuma outra de Paris os seus *couplets*. Actriz — sabe *cantar* o seu dialogo, coloril-o, aquecel-o, dar-lhe relevo e dar-lhe vida, como qualquer actriz de comedia da *Comédie-Française*.

Não se conhece n'este mundo parisiense — não fallando da grande Theresa que hoje declina, mas que ainda sabe fazer chorar e fazer rir o seu publico — voz mais maleavel, garganta mais educada para poder interpretar esta cousa são simples e tão difficil — a *cançoneta*.

Judic chegou mesmo a criar o seu genero, a fazer surgir um bando d'imitadoras da sua *maneira*. Mas nenhuma subio ainda — nem mesmo a Duparc — a esta delicadeza artistica que tanto caracteriza o seu canto, feito de meias tintas suavissimas que, se fosse possivel reproduzir sobre uma folha de papel de China, havia de ter em equivalencias de tons a doçura das aguas-fortes e das miniaturas do seculo XVIII.

~~~~~ Na fama d'uma actriz a formosura e o talento entram sempre em partes eguaes.

Chega-se mesmo a hesitar entre a primeira condicção para se ser actriz — se talento, se belleza. As opiniões dividem-se em dois campos terriveis. Os criticos pedem talento. Mas os directores de theatros pedem bonitos olhos, e as *concierges* de Paris só mandam as filhas para o Conservatorio — quando vêem que effectivamente todos os locatarios da casa lhes fazem a côrte!...

Quando a mulher é feia precisa pelo espirito e pelo estudo valer duas vezes mais que outra actriz do seu genero. Não se perdoaria a Celine Chaumont que fizesse mal uma scena do *Divorçons*. Mas se a Magnier representasse mal uma peça em cinco actos, a plateia havia de lhe perdoar — por que teria passado a noute a namorar-lhe os olhos e o colo!

~~~~~ Na reputação da Judic a formosura entrou com 50 o/o — como na reputação da Théo ha 75 o/o de belleza a descontar.

Já vae um pouco longe a sua primavera — mas um quasi nada de esforço no espartilho e um quasi nada de pintura de camarim transformam a actriz n'uma mocidade tão fresca e tão apeteçivel, que chega a causar ciúmes a muitos vinte annos femininos que a olham dos camarotes.

E mesmo que não fosse o que ainda é — a Judic tinha como recurso infallivel os seus bellos olhos de parisiense, que prendem toda a attenção dos espectadores... como estes bordados diabolicos, feitos a escarlata e a ouro, sobre o velludo preto, o velludo fatal, das mezas dos prestimanos.

~~~~~ Os olhos de que a Europa ainda mais se orgulha de possuir — são os olhos das andaluzas e os olhos das parisienses.

A fama dos olhos das andaluzas é devida em grande parte aos poetas românticos que os iam cantando e suspirando, muitas vezes sem nunca terem visto andaluzas — nem mesmo das de exportação! Mas que de poemas que se não escreveram para cantar os olhos de Concha, de Lola e de Consuelo!?

A furia passou, no dia em que a humanidade se aborreceu de tanta *mirada* fatal, assassina, vibrada por detraz d'um leque ou d'uma mantilha. Os poetas tanto insistiram sobre os olhares que atravessavam corações com a facilidade d'um florête, e dos milhões de mancebos que caíam fulminados pelo golpe terrivel — que Sevilha caíu tambem pela sua vez... mas no descredito da Europa!

Hoje só gosam d'uma justa reputação os olhos das parisienses. E a razão é simples. Uma andaluza bonita com olhos bonitos — pode ser uma divindade. Uma andaluza feia com olhos bonitos — é sempre uma mulher feia. Emquanto que a parisiense, ou seja feia, ou seja bonita — é sempre admirada e apeteçada.

Ha no seu olhar alguma cousa de mysterioso, de superior, de sympathico que atrah e prende. Uma vida onde falla mais alto o espirito que o corpo. Um reflexo d'esta sublime claridade com que Paris illumina todo o mundo. Um não sei quê, que trasborda amor ou odio. Um azul tão

puro, tão claro, que á primeira vista define todos os caprichos da mulher — que é capaz de perder como tambem é capaz de salvar!...

MARIANO PINA.

P. S. — Acabo de ser informado de que o artigo do *Diario da Manhã* que deu occasião á minha chronica do nº 9 da *Illustração*, tinha um sentido diverso d'aquelle que se lhe podia facilmente attribuir — e que eu lhe attribui. Effeitos d'um estylo profundamente metaphorico, de que o mesmo *Diario* hoje abusa, e que não estava nas tradições do jornal.

Antecipo-me portanto a toda e qualquer rectificação que a nova redacção do *Diario da Manhã* me possa pedir, dando por não cabidas as phrases que a possam molestar. Isto entende-se apenas com as phrases que me suscitou o artigo mal interpretado. Quanto ao mais, ao assumpto principal da chronica, é historia e é critica donde não ha a retirar uma unica palavra.

M. P.

A ILLUSTRACÃO publicará no proximo numero um artigo do seu brilhante collaborador Jayme de Seguiet.

Titulo : UM BANHO NO HAMMAM.

## NA PRAIA

*O rude coração do amargo oceano  
Tem virtudes inergicas, austeras :  
Dá um heroico lampejo ao corpo humano,  
Um sadio florir de primaveras.  
Essas almas dolentes, requebradas,  
Tristes como o cantar de um rouxinol,  
Fal-as fortes, viris, illuminadas :*

*Brilhantes como o sol,*

*E rijas como espadas.*

*Um corpo frouxoe morbido e françino,  
Cheio de pallidez etherea e dôce,  
Forma-o como se fosse  
De bronze crystallino.*

*Depois o aroma acre dos pinheiros,  
A borrascosa voz dos marinheiros,  
E a vastidão da esplendida paisagem,  
Tudo faz reventar em nossos peitos  
O bronze inabalavel da coragem.*

\* \*

*Deixae os plumeos leitos*

*Onde o espirito languido desmaia!*

*Vinde viver na praia*

*Entre as coisas sadias, triumphantes*

*Do bello mundo antigo!*

*E despi esses vicios irritantes*

*Como quem despe uns trapos de mendigo!*

\* \*

*Viver n'uma casita á beira mar*

*Feita no gosto inglez,*

*Casa de um só andar*

*E sem balcão chinez;*

*Ler paginas vibrantes, luminosas,*

*Ricas de coisas sãs e duradoiras;*

*Beijar crianças puras, vigorosas,*

*Ainda mesmo que não sejam loiras;*

*Junto a isto um amigo verdadeiro,*

*Saude e algum dinheiro,*

*Eis a vida melhor, mais pittoresca*

*Que existe á luz do dia...*

*A vida assim é uma roseira fresca*

*Inundada de orvalhos de alegria!*

GUERRA JUNQUEIRO.

A ILLUSTRACÃO publica no seu proximo numero um magnifico desenho de F. Villaça representando uma praia do Amazonas, e que o sympathico artista fez expressamente para o nosso jornal.

A ILLUSTRACÃO nos numeros a seguir continuará a publicar curiosos desenhos sobre a China contemporanea.